



A LITERATURA PÓS-COLONIAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NEGRA EM “A COR PÚRPURA” DE ALICE WALKER.

Neila Roberta Carvalho Ramos

INTRODUÇÃO

Ao passo que o imperialismo europeu avança por grande parte da América e da África, a luta das mulheres por seus direitos, principalmente no início do século XX, começa a ganhar força e produzir condições favoráveis ao surgimento de teorias feministas. Entretanto, essas eram voltadas apenas para questões relacionadas ao gênero e a emancipação feminina, assumindo, na maioria das vezes, uma postura exclusivista por terem como referência um único tipo de mulher: branca e burguesa. Porém com o surgimento e desenvolvimento das teorias e discursos pós-coloniais, bem como das literaturas produzidas por autoras afro-americanas e pós-coloniais, é que a questão da mulher negra passa a ter destaque.

Assim, tais teorias passaram a perceber no contexto histórico-sócial as relações inseparáveis entre classe, raça e gênero, se prevenindo, assim, de certos conceitos ocidentais antes tidos como base. Autoras afro-americanas como Alice Walker militante do Movimento dos Direitos Civis (1960) trazem em suas obras literárias uma nova percepção sobre as condições de vida das mulheres negras levantando a questão de que essas sofrem uma dupla discriminação, a primeira relacionada ao gênero e a segunda no que diz respeito a raça. E segundo Bell Hooks (1992) o poder que o homem usa para dominar a mulher, que não é privilégio somente de homens brancos da classe alta, é também de todos os homens na sociedade americana, independente raça ou classe. Pois os negros incorporam os valores sexistas dos brancos, mantendo as mulheres negras numa condição subordinada e secundária.

Na obra afro-americana “A Cor Púrpura” (1986), Walker retrata a trajetória de uma mulher negra, no sul dos Estados Unidos, oprimida e silenciada por uma sociedade racista e sexista, mas que encontra na amizade e solidariedade de outras mulheres a força para se superar e tornar-se agente do seu próprio destino. Assim, tal obra pode ser considerada como um mecanismo de ruptura do silêncio, bem como de padrões impostos às mulheres afro-americanas pelo sistema patriarcal e a hegemonia racial, contribuindo para o surgimento de novas concepções sobre a mulher, também, no contexto pós-colonial.



Desse modo, algumas questões nortearão essa pesquisa: Pode ser uma literatura produzida por autoras afro-americanas caracterizada como pós-colonial? Relações de amizade e união entre mulheres podem contribuir para o processo de construção da identidade da mulher negra? Assim objetiva-se analisar sob a perspectiva da literatura pós-colonial como as relações estabelecidas entre as mulheres negras dentro do romance “A cor Púrpura” contribuíram para o processo de construção da identidade da personagem “Celie”, bem como evidenciar as interações existentes entre a literatura pós-colonial e afro-americana e destacar alguns temas trabalhados pela literatura pós-colonial contidos no livro. Como metodologia, no primeiro momento será feita uma relação entre a literatura pós-colonial e afro americana onde serão destacados os aspectos em comum entre essas literaturas caracterizadas por surgirem num contexto de opressão. Depois se fará uma discussão sobre algumas características da literatura pós-colonial contidas no romance afro-americano “A cor Púrpura” (1986), e por fim uma análise do processo de construção da identidade da personagem Celie, através da observação das relações estabelecidas entre as mulheres negras no livro. Tal análise se faz importante para compreensão de questões sociais complexas, a exemplo das relações entre brancos e negros e como estas influenciam para subjugação da mulher negra além de uma maior percepção sobre como os reflexos do período colonial podem estar presentes na vida de populações que já algum tempo saíram desse período histórico, mas que continuam vivendo experiências opressoras e excludentes em sociedades marcadas pela discriminação racial, social e de gênero.

A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA PÓS-COLONIAL E AFRO-AMERICANA

A literatura pós-colonial, provavelmente, tem início após a segunda guerra mundial sendo definida por Elleke Boehmer (1995) como “uma literatura que se identifica com o movimento de resistência para transformação de sociedades que passaram pela experiência colonial”². Um instrumento que pretende dissecar a relação colonial e, de certa forma, resistir às imposições imperiais, visto que mesmo após a independência políticas muitas ex-colônias permaneceram sob os moldes culturais da antiga metrópole, sendo esse fenômeno facilmente percebido na própria literatura que continuava reproduzindo padrões estéticos literários europeus. Portanto qualquer escrita que não se encaixasse em tais padrões estaria longe de ser considerada literatura, pois como afirma Edward Said *apud* Bonicci (1998) o mundo está dividido em dois, o do colonizador e do colonizado, e esta divisão constitui uma afirmação de poder da primeira face o segundo, por ser o colonizador sempre privilegiado do ponto de vista discursivo, social, cultural e político. Vale



ressaltar que por muito tempo a Literatura colonialista trouxe a idéia da colonização como algo natural para o desenvolvimento mundial e a visão do colonizador sobre os povos e terra por eles dominados, propagando a supremacia européia e justificando a missão civilizatória do império para mediar às relações entre colonizadores e colonizados. Dessa forma os críticos literários pós-coloniais analisam as estratégias utilizadas pelo colonizado para sair da posição de um ser sem voz e tornar-se agente da sua narrativa. O livro “Things fall Apart” (1958) do nigeriano Chinua Achebe, é considerado como marco da Literatura pós-colonial, nele o autor expõe a complexidade dos costumes do seu povo, e na busca de romper com os padrões trazidos pelos colonizadores, escreve com um estilo que rejeita a ordem e restrições do cânone europeu. Dentre os muitos temas abordados pela literatura pós-colonial, a reconstrução de identidade, a descolonização da cultura e a questão da mulher, vêm ganhando destaque.

Por reconstrução de identidade pode-se entender que é o momento em que o (a) autor (a) pós-colonial expõe a complexidade dos costumes, religião do seu povo, na busca de romper com os padrões trazidos pelos colonizadores, escrevendo com um estilo que rejeita a ordem e as restrições do cânone europeu. Estando esse processo dentro do que se pode chamar de descolonização, que analisa a relação entre colonizador e colonizado, denunciando que qualquer texto oriundo desta relação é produto do controle político do primeiro face ao segundo. Há divergências entre teóricos que acreditam que a descolonização seja um processo de recuperação total dos idiomas e culturas pré-coloniais com aqueles que afirmam existir uma impossibilidade de se anular completamente a cultura colonial, visto que essa, antes de tudo, é um fator histórico. Críticos literários como Homi Bhabha, Spivak e Said possuem trabalhos que analisam o sincretismo e pluralidade cultural encontrados em obras literárias referentes ao europeu e suas colônias. Sobre esse processo caracterizado pela oposição à dominação pode se dizer que é: “uma verdadeira criação de homens novos, não se originando de algum poder sobrenatural, porque o objeto que foi colonizado torna-se pessoa durante o mesmo processo que se liberta”. (Fanon *apud* Bonicci, 1998).

Um outro ponto a ser considerado é a questão feminina no contexto pós-colonial, visto que “uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia.” (Du Plessis *apud* Bonicci, 1998), e sendo inegável a percepção de que o colonial mantém a relação direta com o patriarcal, a mulher colonizada seria duplamente subjugada. Nesse contexto, o discurso feminista era voltado às questões de gênero e emancipação feminina, assumindo na maioria das vezes uma postura exclusivista por terem como referencia a mulher branca e burguesa. Desse modo, questões



referentes à etnia, e classe a qual a mulher era pertencente não eram debatidas. Entretanto, foi com o desenvolvimento dos conceitos pós-coloniais e com um surgimento de um imaginário feminino, principalmente, nas obras de ficções de autoras afro-americanas que teorias feministas passaram, gradualmente, a prevenir-se de conceitos ocidentais, antes tidos como base.

Existem várias discussões, no que diz respeito à mulher em sociedades pós-coloniais, pois como afirma Peterson apud Bonnici (1999) em países de terceiro mundo há um dilema sobre o que seria necessário primeiro: a igualdade feminina ou a luta contra o imperialismo. E sobre essa reflexão, é relevante considerar que sociedades em processo de descolonização que insistem em reservar a mulher um papel secundário, estão de certa forma imitando seus alçozes de outrora, pelo fato de ser o fenômeno da subjugação da mulher um reflexo da colonização. Desse modo autoras africanas e afro-americanas têm como foco de sua narrativa a exploração contra a mulher e a luta desta por libertação além de também tratarem sobre embates culturais, escravidão, opressão e resistência.

Os estudos pós-coloniais têm contribuído, de maneira decisiva, para compreensão de questões sociais complexas, não apenas, em sociedades que saíram recentemente da condição de colônia. Os Estados Unidos, por exemplo, que embora atualmente exerçam forte e determinante influência política, econômica e cultural nos demais países do globo, mas que não podem ter sua história devidamente compreendida longe do seu passado colonial. Portanto, a Literatura produzida pelas (os) afro-americanas (os) não deixa de estar, de certo modo, também relacionada a esse campo vasto de estudos. A produção literária, principalmente, das autoras afro-americanas serviu pra inscrever essa literatura no cenário literário mundial, sendo reconhecida, atualmente, como fontes ricas para a compreensão das histórias de mulheres e homens afro-americanos ajudando a construir a identidade dos mesmos. Numa comparação mais detalhada entre os estudos pós-coloniais e a literatura afro-americana, pode-se perceber que ambos os estudos tem o objetivo em comum de desestabilizar hierarquias raciais, onde novas abordagens sociais e literárias tornam-se úteis para reclamar o passado e forjar um novo paradigma cultural para o futuro.

Após a segunda guerra mundial, a população negra do sul e norte dos Estados Unidos vivia a realidade da segregação formal e informal, linchamentos e violência policial, discriminação no emprego, na educação e nos serviços públicos, falta de direitos políticos e pobreza extrema. Porém, importantes organizações políticas negras a partir dos anos 50 e 60 passaram a atuar na luta contra a discriminação e pela melhoria das condições de vida da população negra, o que propiciou ascensão do conhecido Movimento pelos Direitos Civis. Onde negros e negras impulsionados pelas



mensagens de liberdade e prosperidade do discurso dessa época construíram aquele que foi um dos movimentos sociais mais importantes na história norte/afro americana. É possível, assim, perceber que não muito diferente dos povos recém independentes na África e Ásia, as condições de vida dos afro-americanos era moldadas pelas políticas culturais herdadas do modelo de civilização européia personificado por um neocolonialismo. A teórica feminista Bell Hooks (1992) afirma “I believe that black experience has been and continue to be of internal colonialism”.^{1 2}

Entre as várias contribuições do movimento dos direitos civis, sem dúvida, o desenvolvimento cultural merece destaque, através dele o hibridismo cultural, social e político misturou tradições africanas e afro-americanas, exemplificados pela adoção de nomes africanos entre a população negra, e pela ampliação dos estudos africanos e afro-americanos nas universidades. Em seu livro *Loose Canons*, o crítico literário Henry Gates Jr. afirma:

Para todos que foram alunos ou professores de literatura africana e afro-americana, no final dos anos sessenta ou ao longo dos anos setenta, não deixa de ser, às vezes, motivo de espanto, ver as várias e rápidas modificações ocorridas em nossas disciplinas. Se não passaram propriamente da margem para o centro do ensino de literatura, elas, sem dúvida, passaram de posturas defensivas para uma posição de validade-posição aceita e reconhecida de forma geral, com espaço definido e próprio de elocução (GATES, 1993, p.13).

As canções populares do movimento serviam de inspiração para um grande número de artistas que traziam temas como o “Poder do negro” e o “orgulho da raça” em gêneros musicais como o funk e blues.

Nesse contexto a produção literária das mulheres negras examinavam a individualidade e as relações pessoais, além do racismo e do sexismo, institucionalizados na sociedade americana, pois essas escreviam numa perspectiva de mulher e negra, ou seja, a partir de uma dupla discriminação. Assim as escritoras focalizavam dilemas que atingiam a todos (as) independentes de raça ou sexo, valorizando as diferenças através de um otimismo construtivo que destacava a diversidade como um poderoso instrumento de construção e crescimento. De fato, o movimento interno feminino contribuiu de forma marcante para o reconhecimento da Literatura afro-americana que, a cada dia, vem produzindo em grande escala e atingindo um número cada vez maior de leitores (as). Entre várias autoras, pode-se destacar as atuais canônicas, Alice Walker que, apesar da resistência da

^{1 2} “Eu acredito que a experiência dos afro-americanos continua sendo a de um colonialismo interno.” (Tradução livre)



critica, logo teve seu nome projetado como uma das mais importantes ativistas do movimento dos direitos civis, e na Literatura como autora do romance “ A cor Púrpura”(1982),o qual lhe conferiu o Prêmio Pulitzer. Não esquecendo da também ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura de 1993 Toni Morrison.

A Literatura afro-americana, desse modo, se assemelha com a Pós-Colonial, não apenas, pelo fato de ambas surgirem num contexto marcado pela opressão e exclusão, mas como pontua Said (1995) por estas trazerem como foco de suas narrativas as questões étnicas e culturais que são tão importantes para a compreensão de como os pressupostos imperialistas continuam influenciando o mundo ocidental, e que através da análise desses textos literários é que se pode perceber o quanto a cultura precisa ser redimensionada, sendo vista pela ótica da interdependência. Pois ainda segundo o mesmo “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”. Frantz Fanon (1925-1961) em obras como “Peles Negras e máscaras brancas” e “Desonrados da Terra”, nos anos 50, ao trabalhar aspectos de descolonização sinalizava que o racismo era o grande problema a ser enfrentado no futuro, e que o “imaginário negro” é uma construção do branco, e o negro, por sua vez, em um determinado momento sente que sua raça não o compreende mais, e conseqüentemente nem ele também a compreende.

Portanto, uma análise aprofundada sobre essas, não tão distintas, Literaturas pode ajudar a expressar como as questões de raça, gênero, classe e colonialismo podem afetar as fronteiras da identidade nacional, identidade essa que como no caso dos Estados Unidos não pode ser tão facilmente descrita devido a sua vasta população formada por pessoas oriundas de diferentes partes do mundo e como lembra Edward Said:

Antes que possamos concordar quanto aos elementos que compõem a identidade americana, temos que admitir que, enquanto sociedade de colonos imigrantes que se impôs sobre as ruínas de uma considerável presença autóctone, a identidade americana é variada demais para chegar a construir algo unitário e homogêneo; na verdade, a luta que se trava em seu interior envolve defensores de uma identidade unitária e que vêm o conjunto como uma totalidade complexa, mas não redutoramente unificada. Essa oposição supõe duas perspectivas diferentes, duas historiografias diversas, uma linear e dominadora, a outra contra pontual e muitas vezes nômade (SAID, 1995, P.27-28).

Sem sombra de dúvidas, a Literatura faz parte da evolução histórica e cultural das comunidades negras dos Estados Unidos e de sociedades pós-coloniais, mas vale ressaltar que não



apenas a tradição escrita é capaz de dar conta dos fatos que marcaram e continuam marcando a vida desses povos que sempre tiveram suas histórias contadas por “outros”, a tradição oral, ou seja, a literatura baseada na memória aparece enquanto fonte de imortalidade ajudando a construir essa identidade que pode, verdadeiramente, ser considerada híbrida.

Um das características fortemente inscritas tanto na literatura escrita por mulheres afro-americanas como em escritoras pós-coloniais é o uso da memória, com o propósito de resgatar aspectos culturais e históricos do passado que podem ajudar a compreender o presente e configurar um novo futuro para suas comunidades. No caso dos Estados Unidos, por exemplo, as autoras buscam resgatar a tradição oral e escrita iniciada com a “vinda” dos primeiros escravos africanos para América.

O uso da memória na ficção contemporânea escrita por mulheres afro-americanas encarna a preocupação com o resgate de elementos de uma experiência afro-americana especificamente feminina. Esse resgate, porém, não é um retorno ocioso ao passado, nem tão pouco constitui sentimentalismo folclórico; antes, sua função prospectiva conecta o passado à construção presente de um futuro. (GIRAUDO, 1997, p.51)

Com as autoras pós-coloniais não acontece diferente, pois como afirma Olive sênior apud Bonnici (1999) a tradição oral é uma poderosa estratégia usada pelas mulheres no processo de descolonização da cultura.

A narrativa do livro “A cor púrpura” (1986) é frequentemente, lembrada por se assemelhar com as narrativas de escravos, nas quais eles revelavam suas difíceis experiências e denunciavam a situação de opressão em que viviam. O que também acontece no livro, onde a personagem principal, Celie, é tratada e considerada como uma escrava dentro de uma sociedade marcada pela discriminação tanto racial como de gênero.

2.0 “A cor Púrpura”, um romance pós-colonial.

O livro “A cor púrpura”, da escritora afro-americana Alice Walker, foi lançado, pela primeira vez, no ano de 1982. A narrativa se desenrola na agrária região sul dos Estados Unidos por volta dos anos de 1909-1947. E ao surgir num contexto de segregação racial trás consigo características que podem, de certa, forma caracterizá-lo como pós-colonial, visto que esse tipo de romance aborda temáticas que objetivam descolonizar a cultura, e construir uma nova identidade para os povos que, não apenas passaram recentemente pela experiência colonial como também a de



povos que são oprimidos e silenciados seja por hegemonias raciais, de gênero e/ou classe. Dessa forma, os embates culturais dos Estados Unidos e os reflexos que esses têm na vida de negros e negros afro-americanos (as) são debatidos por Walker no decorrer do romance, com o objetivo de elucidar os danos que esses têm causado aquela sociedade, bem como de resistir às imposições ditadas tanto pelo imperialismo branco como pela hegemonia masculina.

Ao apresentar a narrativa de “A cor Púrpura” através de cartas escritas por uma semi-analfabeta, Alice Walker caracteriza esse romance como um típico romance de resistência. As cartas escritas por Celie trazem consigo uma linguagem popular com intenção de uma aproximação com o leitor e uma rejeição aos padrões estéticos determinados pela hegemonia européia. É uma forte característica da literatura das minorias a negação a tudo que vem da elite intelectual que, na maioria das vezes, se vale, do seu poder discursivo e social para determinar e controlar a produção literária. Esse processo de rejeição é também conhecido como ab-rogação. Na literatura pós-colonial ele é percebido no momento em que os (as) autores (as) pós-coloniais se utilizam de dialetos locais, provérbios da cultura popular a fim de destacar e valorizar a cultura do passado. Tendo que adequar sua escrita ao contexto histórico atual. Dessa forma esses (as) escritores (as) devem arrebatar o idioma herdado da experiência colonial e recolocá-lo numa situação cultural específica, e ainda “manter a integridade daquela escrita que historicamente foi empregada para manter o homem pós-colonial nas periferias do poder, da autenticidade e mesmo da realidade” (Ashcroft et Al. *apud* Bonicci, 1998).

A obra é freqüente lembrada como um exemplo de “romance feminino”. Walker tem sua escrita focada na mulher afro-americana do século XX. A tradição de romances escritos nessa época é de lidar com a opressão contra as mulheres negras, não apenas, cometida pela dominação branca, mas também pelo homem negro. Nessas narrativas, encontram-se mulheres que lutam pela própria sobrevivência e de suas famílias com o propósito de garantir um futuro melhor para as próximas gerações.

2.1 As relações femininas e construção de identidade da personagem “Celie”.

Uma das características fortemente inscritas na literatura escritas por autoras afro-americanas e pós-coloniais é a tentativa de recolocar a mulher marginalizada no foco da narrativa, dando voz a essa que por muito tempo esteve silenciada seja por hegemonias patriarcais, sociais e/ou raciais. Dessa forma essas, antes, não tinham nenhum lugar a partir do qual podiam falar.



Dentro de sociedades marcadas pela opressão os críticos pós-coloniais analisam os processos que tornam o (a) ex-colonizado (a) um ser sem voz, e os artifícios utilizados por esse (a) para sair de tal posição. De acordo com Fanon apud Bonicci (1998) o colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor com antagonismo sem cessar.

A personagem principal do romance “A Cor Púrpura”, Celie, é uma mulher oprimida e silenciada, numa sociedade marcada pela discriminação racial e de gênero. Comparando-a com outras personagens pós-coloniais encontra-se no livro *Joy of motherhood* (1979) da autora nigeriana Buchi Emecheta, uma personagem que se pergunta: “ó Deus Quando criará uma mulher que estará completa em si mesma, um ser humano completo sem ser apêndice de outrem?”.

Entretanto, é a partir das relações estabelecidas com outras mulheres negras que Celie passa por um processo de renascimento em que luta para ressignificar sua existência e construir sua própria identidade. Sendo esse processo de construção algo contínuo, por ser a identidade formada, ao longo do tempo, a partir das experiências com meio externo.

“A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros” (HALL, 2006, P.39).

É com a solidariedade, o companheirismo e amizade de Nettie, Sofia e Docí que a personagem encontra os caminhos para sua libertação. A essa relação entre mulheres negras Alice Walker dá o nome de “Womanismo” que segundo a própria:

“Ama outras mulheres, sexualmente e/ ou não sexualmente. Aprecia e prefere a cultura da mulher, e a força da mulher. Às vezes ama homens individualmente, sexualmente ou não. Compromete-se com a sobrevivência e a completude do seu povo, homens e mulheres” (Walker, 1983).

Dentre as várias manifestações do womanismo no livro, pode-se incluir a relação de Celie com Nettie, uma verdadeira aliança contra a violência do padrasto, em que juntas vão amadurecer e proteger uma a outra. Celie tenta de todas as formas impedir que o padrasto faça com Nettie o mesmo que fez com ela. Ela diz “Vou tomar conta dela. Cum ajuda de Deus. Tem vez que ele fica olhando pra Nettie, mas eu o atrapalho” (Walker, 1986 p. 28). Nettie também é bastante solidária a sua irmã. Ao perceber a forma como Celie é tratada por Sinhô e seus filhos, ela a aconselha “não deixe eles dominarem você (...) você tem que brigar” (Walker, 1986). É Nettie, também, que ensina a irmã a ler e escrever. Mesmo após estarem separadas pelo marido de Celie, ela continua apoiando



a irmã por meios de cartas, insistindo que ela não deve desistir de lutar por liberdade. Já quando missionária na África escreve dizendo: “neste mundo tem pessoas pretas que querem que agente aprenda! Querem que agente enxergue as coisas do mundo com clareza” (Walker, 1986 p. 122).

A segunda manifestação desse “womanismo” acontece através da amizade entre Sofia e Celie. Sofia é autônoma, independente e não aceita apanhar do marido, enquanto que Celie é completamente submissa. Sofia diz para Celie: “Você lembra minha mãe, ela ta debaixo do pé do meu pai. Tudo que ele diz. Ela nunca responde. Ela nunca se defende. Às vezes tenta defender um pouco as crianças (...). Quanto mais ela defende mais duro ele bate nela” (Walker, 1986 p. 52). Sofia conta que: “Toda minha vida eu tive que brigar. Eu tive que brigar com meu pai. Tive que brigar com meus irmãos. Tive que brigar com meus Tios. Uma criança mulher num tá segura numa família de homem”(Walker, 1986 p.52). Nesse momento Sofia mostra para Celie que autonomia que ela possui é devido a todas as experiências de opressão que já havia sofrido autonomia que para ela tem o significado de instinto de sobrevivência. Para ela o crescimento da mulher negra passa pela experiência entre a mesma e os homens negros dentro do mundo dos brancos. Ao se deparar com uma mulher forte como Sofia, Celie percebe o quanto ela é fraca e como, passivamente, aceita as condições deploráveis de vida junto ao seu marido, e é com exemplo de Sofia que ela, também, cresce emocionalmente.

É na relação que Celie estabelece com Docí Avery, uma cantora de blues e ex-amante do seu marido, que se apresenta mais um aspecto do Womanismo no livro. Depois de Docí ser levada para casa de Celie e Sinhô, por estar doente, Celie acaba se apaixonando por ela, essa paixão, na verdade, se inicia pela admiração e depois pela ajuda que Celie oferece a Docí no momento de sua doença. As duas, com o convívio, vão descobrindo a força de um amor puro, solidário. Docí faz Celie se enxergar como mulher, ensinando-a amar e amar-se, a conhecer o próprio corpo, a sorrir. Essa é uma relação de auto-descoberta, e com o tempo elas tornam-se a “família uma da outra” (Walker, 1986 p.166). É também com Docí que se Celie aprende sobre uma nova concepção de Deus, a personagem percebe que Deus sempre pareceu pra ela como um homem e branco. Docí a diz: “Quando eu descobri que eu pensava que Deus era branco, e era homem, eu perdi o interesse” (Walker, 1986 p.216). Assim, Celie percebe que, na verdade, sempre escreveu para um Deus que nunca a ouviu, ela afirma em carta para Nettie: “o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outros homens que eu conheço. Trapaceiro, isquecido e ordinário”. Docí diz para Celie que Deus está em toda a parte e dentro de cada um. Ela afirma: “Num é uma coisa



que a gente pode ver separado de tudo mais, incluindo você. Eu acredito que Deus é tudo (...). Tudo que já foi ou será. E quando você consegue sentir isso, e ficar feliz porque ta sentindo isso, então você encontrou ele” (Walker, 1986 p.217). Através dessa forte relação de companheirismo, amor e amizade que Celie aprende a valorizar a vida, a amar e ser amada.

Nos conflitos entre Celie e seu marido, Celie é vista como um objeto, alguém que existe para satisfazê-lo. Ele diz: “Você é negra, Você é suja, você é feia, Você é uma mulher. Deus, você não é nada” (Walker, 1986). Celie conta Docí: “Ele trepa lá e tem o bem e bom dele do mesmo jeito. Num importa o queu to pensando. Num importa o queu sinto. É só ele”(Walker, 1986). Celie é escrava de Sinhô, ela é um ser que tem sua existência derivada de outro ser. A subserviência dela ao marido fica fortemente explícita no fato dela não pronunciar o nome dele, apenas chamá-lo de Sinhô. A alienação de Celie é resultado da opressão e objetivação de Sinhô, ele a bate, não a vê como mulher, exercendo uma influencia destrutiva na vida da personagem.

Ao se espelhar em Nettie, Sofia e Docí, Celie começa sua luta para concretizar sua existência e burlar as regras e o determinismo impostos a ela pelo seu marido. Assim, ela vai se metamorfoseando, deixando de ser uma mulher deplorável, que aceita passivamente sua condição de vida. Durante uma discussão com Sinhô, Celie o ameaça com uma faca e declara: “Já é hora de deixar você e começar a viver. E o seu cadáver será o bom começo queu preciso” (Walker, 1986). Nesse momento Celie, pela primeira vez, percebe o sentido do poder: poder para decidir por si própria, pelos outros, poder para punir e até matar. Na relação homossexual entre Celie e Docí, Celie, não apenas, encontra refúgio como também passa ter uma nova percepção de si própria, desejando tornar-se uma outra pessoa, diferente do que seu marido e aquela sociedade desejavam que ela fosse. Enquanto Sinhô pensa, apenas, em poder, controle e auto-realização através da opressão contra Celie, Docí com sua solidariedade a ajuda encontrar seu verdadeiro ser. Na verdade, o próprio homossexualismo de Celie e bissexualismo de Docí podem representar a luta dessas mulheres para ultrapassarem as limitações do gênero como também da sociedade, que definem e determinam, a maneira “natural” e “normal” de toda mulher ser. De acordo com Simone de Beauvoir:

“Woman is an existent who is called upon to make herself object: as subject she has an aggressive element in her sensuality which is not satisfied on the male body.



Woman's homosexuality is one attempt among others to reconcile her autonomy with passivity of her flesh" (De Beauvoir, 1968 p.406-7)^{2 3}

Docí, Sofia, Nettie e, mais tarde, Celie representam uma nova versão de mulher. Elas têm controle completo sobre suas vidas e destinos. São audaciosas, responsáveis, independentes e, embora amem e defendam as mulheres, não têm aversão a homens, podendo amá-los sexualmente ou não. Estando inscritas dentro da filosofia "Womanista", defendida por Alice Walker, e gerada, não somente, em direção ao desenvolvimento do gênero feminino, mas para recuperação de homens e mulheres visando à completude de todos (as).

A amizade e companheirismo dessas mulheres, durante toda narrativa de "A cor Púrpura", juntamente com nova percepção que Celie tem de Deus conduzem-na em sua jornada rumo ao auto-descobrimto. Ela se integra á aquela sociedade, lutando diariamente para melhorar suas condições de vida se sentido capaz, também de mudar a realidade da comunidade em que vive. Ela revela: "Agora que os meus olhos estão abertos.

Eu me sinto como uma ferramenta (...)". A sua ultima carta é revelação da harmonia entre ela e todo universo. Ela escreve: "Querido Deus, Queridas estrelas, querida árvore, querido céu, querida gente, querido tudo" (Walker, 1986 p.313).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, sem sombra de duvidas, ajudou a forjar um novo paradigma cultural e social para as comunidades negras dos Estados Unidos, mas no que diz respeito às mulheres negras ela não apenas ajudou como as inscreveu no cenário literário mundial. Mulheres que saíram da posição de objeto e se transformaram em poderosos instrumentos na luta contra qualquer tipo de discriminação. Apoiadas e embasadas pelas novas perspectivas trazidas pela literatura pós-colonial conseguiram através da arte, e de suas percepções sobre o mundo trazer a questão da identidade da mulher negra, antes pouco debatida, para o foco de suas narrativas percebendo que a mudança cultural no que diz respeito à mulher não será alcançada se essa for vista como universal, tendo sua

² " A mulher é um ser condicionado a torna-se objeto:Enquanto sujeito,ela traz um elemento agressivo em sua sexualidade que não se satisfaz no corpo masculino. A homossexualidade da mulher é uma tentativa, entre outras, de reconciliar sua autonomia com a passividade do seu corpo.(Tradução livre)



situação analisada longe das relações entre classe, raça e gênero. Assim percebo a obra “A cor púrpura” como uma rica contribuição para literatura universal, para o desenvolvimento de teorias feministas e principalmente para a luta pelos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *The second sex*. Trans.H. M.Parshely.New York: Haper, 1973.
- BONICCI, Thomas. *Introdução aos estudos das literaturas pós-coloniais*. Mimesis, Bauru, v.19, n.1, p.07-23, 1998.
- BOEHMER, Elleke. *Colonial and post-colonial literatures*. Migrant Metaphors, Oxford University Press, 1995, p.184)
- GATES Jr., *Loose Canons: Notes on the culture Wars*. New York: Oxford University Press, 1993.
- GIRAUDO, José Eduardo Fernandes. *Poética da Memória: uma leitura de Toni Morrison*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Thomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed.-Rio de Janeiro: DP&A, 2006
- hooks, bell. *Ain't a Woman: Black Women and feminism*. Boston MA, South End Press, 1992.
- PORTO, Maria Bernadette, REIS, Lívía F. de, VIANNA, Lucia Helena (org.). *Mulher e Literatura: VII Seminário Nacional*. Niterói, RJ: EdUFF, 1999.
- SAID, E. W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de D.Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- WALKER, Alice. *A cor púrpura*. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- _____. *In search of our Mothers' Gardens*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1983